Revista Ñanduty
PPGAnt - UFGD

PPGAnt- Programa de Pós-Graduação em Antropologia
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 2317-8590
Dourados - MS - Brasil
www.ufgd.edu.br/nanduty

OS ENCOMENDADORES DE ALMAS EM MAUÉS:
OS MORTOS ANDAM ENTRE NÓS

CRISTIAN PIO ÁVILA*

RESUMO

O artigo trata da expressão religiosa "Encomenda das Almas" realizada por populações ribeirinhas do município de Maués/AM. Manifestação que ilustra as trocas simbólicas permanentes entre Brasil e Portugal e traz consigo representações nativas de morte, além-vida e da convivência estreita entre os vivos e os mortos.

RESUMEN

El artículo trata de la expresión religiosa "Encomenda de las almas", producida por poblaciones ribereñas de Maués/AM. Manifestación que ilustra los intercambios simbólico permanentes entre Brasil y Portugal y trae representaciones nativas de la muerte y la vida y el contacto cercano entre los vivos y los muertos.

ABSTRACT

The article deals with the religious expression "Encomenda das Almas" performed by the ribeirinhos on the city of Maués / AM. Performative act that illustrates the permanent symbolic exchanges between Brazil and Portugal and brings native representations of death, and life and close contact between the living and the dead.

Aqui, apresento descrição etnográfica de uma expressão da religiosidade amazonense conhecida no município de Maués, região do Baixo Rio Amazonas, como "Encomenda das Almas". Mais que uma descrição, tento buscar as representações associadas aos discursos nativos de morte, além-vida, espírito, alma e penitência, bem como demarcar uma cosmologia "ribeirinha" que incorpora de maneira muito estreita a vida dos vivos ao lado dos mortos – o que supõe uma série de obrigações ritualizadas e prestação de dádivas, conforme se verificará ao longo do artigo.

Todas as descrições são fruto de pesquisa de campo, realizada na zona urbana de Maués, entre os meses de agosto de 2009 e março de 2010 em que se aplicaram os métodos da entrevista e da observação participante no intuito da captação de imagens que integrassem, ao fim, um documentário. Segue também um esboço da história da expressão, já que ela não é exclusiva do Amazonas, podendo ser encontrada, de formas diversas, em muitos Estados do Brasil e de forma bastante comum em Portugal.

Algo que precisa ser dito é que, aos poucos, participar como um observador privilegiado passou a se tornar uma experiência de afetação (Faavret Saad-2005, Goldman - 2003). Apesar de me considerar um amigo de vários dos informantes, me mantinha distanciado a eles. Minha sensibilidade de católico não praticante resultava em uma postura completamente cética em relação às possíveis relações mantidas entre os vivos e os mortos.

Muito me parecia como "cosmologia nativa" que não poderia encontrar eco em um espaço intersticial filosófico e estético entre mim e os informantes. Afinal como as pessoas poderiam ser afetadas, de fato, pelos mortos, não fosse por meio do que outrora a antropologia reconheceu como eficácia simbólica das crenças?

* Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (2001), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e é doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (2010 - 2014

Poderia, antes ser afetado pelas aulas de antropologia no doutorado, com as simetrias de Latour e reversibilidades de Strathern, ambos apoiados na filosofia deleuzeguatarriana. O exercício de reversibilidade era previsível, porém pouco havia me inspirado.

Era preciso que a experiência de intensa proximidade com os rezadores e a população de Maués fizesse surgir um "[...] outro espaço afetivo, para dispor de um outro território existencial". (Guattari, 1986:118). Não houve tentativa de educação do olhar, de forçar-me a experimentar um novo método, mas sim, de acabar por estar envolto plenamente por tantas dimensões de um universo de sentidos e representações, de outros horizontes estéticos que em algum momento, esses discursos formadores, passaram não a terem lógica propriamente, mas de serem sentidos enquanto pavor e, sobretudo, respeito.

A experiência do sobrenatural, como na passagem da feitiçaria como uma "bola de luz azul" em Evans-Pritchard é uma dimensão pouco trabalhada pela antropologia. Em sua obra, "Bruxaria, Magia e Oráculo entre os Azande" (2005), o autor inglês discorre brevemente sobre uma experiência de ter seguido, durante uma das noites em que passara entre azandes (grupo da África Central que vive entre o Congo e o Sudão), uma espécie de luz azul, que passara flutuando sobre a aldeia e acabara por pousar no telhado de uma cabana, onde "por coincidência" morreria uma pessoa no dia seguinte. Sem conseguir explicar a visão nos termos ocidentais, Evans-Pritchard assume que aquela poderia ter sido a materialização da bruxaria.

O medo, a tensão, o sentir-se imerso em uma experiência que existe fora de seu campo de existência, do conjunto de projetos e representações que acabam por definir toda uma série de comportamentos e crenças, é algo, me parece, ainda bastante proscrito na antropologia. Não tardou para que Castañeda, o autor que passara anos com seus informantes Yaqui do deserto de Sonora no México, se tornasse um proscrito justamente por tratar como esquemas de explicação para os fenômenos aquilo que aprendeu com seu tutor indígena "D. Juan".

Não sugiro aqui a existência de almas penadas, de assombrações, de possíveis conversas com os espíritos, mas afinal, porque não sugerir-lhes? Além de elementos de significação importantes, passíveis de afetar a vida das pessoas quanto mais perto deles se mantenham, são experiências totais, que podem afetar mais do que os cinco sentidos enquanto internalizados, mas também os sonhos, formas não conscientes de projeção – como assim me afetaram.

Quais as experiências estéticas significativas que vão aos poucos construindo campos de percepção que nos dão condições de produzir espaços, tempos, pessoas vivas ou mortas, bem como o que seja possível de existir ou não no mundo? Ao passar dos dias da pesquisa, era como se os campos significativos reproduzidos pelos rezadores pudessem aos poucos irem se expandido a quem estava à sua volta. Difíceis de serem entendidos, mas facilmente sentidos. Não raras vezes, vi pessoas que se diziam céticas, ou mesmo que caçoaram da prática dos rezadores, no outro dia da brincadeira, estarem em torno deles, pedindo auxílio para expulsarem "as almas penadas" de sua volta.

Confesso, tive pesadelos tenebrosos nas madrugadas da pesquisa, antes mesmo de surgir o medo. Vi, à luz do dia, pessoas chorando pelo contato que tiveram com almas durante essas madrugadas. Em Maués, ao menos, os mortos voltam entre os vivos durante a quinta-feira e sexta-feira santas. Todo o ambiente conflui à afetação, e aos poucos, elementos díspares de nossa cultura, vão se rearranjando em novas representações que fazem eclodir novos sentimentos, e todo o campo significativo arranjado pelos rezadores passa a fazer sentido-sentido. Os cães latem freneticamente por onde passamos (e aos poucos se percebem os latidos às costas do grupo), as ruas são escuras, algumas pessoas demonstram devoção solene, as mortalhas brancas, o passeio ao cemitério, o sino e os mortos.

Mais do que entender, interpretar, simetrizar, ou o que quer que os antropólogos façam com o que ouvem dos nativos, aqui o movimento é de tentar compreender os discursos nativos segundo seus próprios princípios. Não tento fazer grandes interpretações de seu discurso, colocar palavras além do que me instruíram. No máximo aparecem ao longo do texto, algumas comparações úteis para se entender o alcance que certas concepções alcançam.

Encomenda das almas ou "Recomendação das Almas" é uma expressão ritual religiosa realizada por um pequeno grupo de pessoas chamadas de encomendadores de almas ou, como são chamados na região, "recomendadores". Estes saem às ruas vestidos de roupas brancas, mantos ou toalhas na cabeça e sinetas nas mãos, com o objetivo de "recomendarem" as "almas do purgatório" a Santa Glória do Senhor. Ao aproximarem-se de uma casa, tocam uma sineta, cantam e rezam ladainhas.

Essa expressão ocorre durante a Semana Santa (mais especificamente, na quarta-feira de trevas, quinta-feira santa e sexta-feira da paixão). No interior do Amazonas, podemos encontrá-la na

cidade de Maués – AM e na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, localizada no Igarapé do Pedreiro no Rio Urupadi no município de Maués – AM – sempre realizada pelo mesmo grupo.

A encomendação das almas é um ritual centenário, cujas origens na região amazônica são bastante imprecisas. O que se sabe é que é uma expressão manifestada em todo o Brasil (do Rio Grande do Sul ao Amazonas, passando pelo Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste) e também muito comum até hoje em Portugal. Possivelmente a tradição tenha chegado com colonizadores portugueses, por sua vez reproduzindo práticas medievais.

A mais antiga referência aos encomendadores de alma surge em 1515, citada por Teófilo Braga na cidade de Coimbra, região onde ainda se mantém essa tradição. Em 1579, há também referências a um Afonso Fernandes Barbus, ferreiro, natural de Penafiel, que costumava recomendar almas: "[...] de ilustre prosápia e ferreiro por ofício e que foi o autor de se recomendarem as almas à noite com a campainha; ação piedosa, que em algumas partes se usa dando umas tantas badaladas no sino" (Paula, 2005: 05)

Essas referências surgem também em sermões de padres jesuítas como Pe. Inácio Martins, que lhes fez alusão no final do século XVI (1581-1598), como se pode ver no excerto abaixo (apud Oliveira, 1994, 2010)

> Não obstante o enfoque do seu discurso e dos seus objectivos primeiros que tentamos sublinhar, o P.e Inácio Martins não deixa de valorizar os sufrágios pelos defuntos – sobretudo a missa que amava particularmente e recomendava até para o sucesso em negócios – e lembra o agradecimento das almas que sobem ao céu graças à intervenção dos vivos, anotando que tal devoção se recomendada por uma decisão do Concílio Tridentino – (...); «saiem algumas almas do Purgatorio pola grande forca que tem a missa solene acompanhada dos muitos que rogão polas almas…». E esta oração, pelas suas consequências é gratíssima não só aos que por elas rogaram – estes «saindo a primeira cousa que fazem he encomendar a Deos com grande efficacia aos que os tirarão do fogo…» – mas também aos «santos do ceo [que] volo agradecem porque lhe meteis na gloria seus companheiros e em especial a Sacratissima Virgem que vos quer bem porque com estes sufragios lhe soltais os seus filhos e irmãos que estão no Purgatorio». Reforça ainda o mérito da encomenda das almas através do exemplo do santo abade françês Odilo que, com suas orações, irritava os demónios pois «lhes despejava o purgatorio».A página final do sermão *cuyus est imago haec* encabeça com a frase: «Das almas do purgatorio *bonum misericordia»,* frase que é um lema do pregador e lema que, aqui, lhe serve para exaltar, uma vez mais, a prece pelas almas: «ha duas sortes de pessoas de que avemos daver misericordia: vivos pobres e de defunctos do purgatorio…"

Pelos estudos que realizaram, Margot e Jorge Dias (1953) sugerem a possibilidade de que o costume apareça também na Espanha desde o século XVIII; e que em Santiago de Compostela recebera o nome de nulidor ou coquin. Esses personagens saiam durante a noite encomendando as almas, pedindo Pai Nosso e Ave Maria pelos que padeciam no purgatório, fazendo soar uma campainha.

Podemos encontrar, em Portugal, a encomenda das almas, como – por exemplo – em Gonçalves (2010):

> Estes Cânticos que fazem parte da "Ementa das Almas" (Encomendação das Almas, na sua designação mais corrente) existem em Loriga, pelo menos desde o Séc. XVIII, de acordo com os testemunhos de alguns dos mais velhos participantes neste ritual. Entoados nos primeiros tempos por vozes, juntou-se-lhes o instrumental, a partir do momento em que surgiu na vila uma banda de música – 1906. A "Ementa das Almas" é, no fundo, uma versão popular da "Liturgia dos Mortos" da Igreja Católica. O certo é que, embora com dificuldade, em Loriga, esta tradição vai-se mantendo. Todos os anos, nas madrugadas de Sábado para Domingo, durante a Quaresma, o silêncio da noite é quebrado pelo ecoar dos Cânticos da "Amenta das Almas", graças à boa vontade de uns tantos (não muitos) Loriguenses, que teimam em manter viva esta tradição (Gonçalves, 2010**).**

Ainda em Portugal, em um texto dramático chamado "O Fidalgo Aprendiz" escrito em 1676 por Francisco Manuel de Melo:

> Toquem dentro ũa campainha a compasso como dos homens que encomendam almas.
> ui que é isto se ouço eu bem eu não diviso ninguém mas ouço talim talim
> oh pesar de quem me fez boa vai a minha vida ouço ũa voz mui sentida
> não lhe fujo eu esta vez
> eu fora um dom
> Gil: ditoso se se acabara esta festa com a parteira ser esta e o seu compadre medroso

> Tange outra vez a campainha mais perto.
> tomai lá, que será isto? Já não tenho peis nem mãos escutai.
> Digam dentro em voz muito sentida: Fiéis cristãos amigos de Jesu Cristo.
> Gil: Axopra que vem jurando em cristãos lhe ouvi falar jurará de os acabar por mim virá começando.
> Dentro: Lembrai-vos das almas que estão no fogo.
> Gil: Oh que jogo ele fala em alma e fogo sem falta demónio é.
> Dentro: Do purgatório e as que estão em pecado mortal.
> Gil: Ora esperai lá isto agora ele vem co a maldição purgatório lhe entendi se dirá que vem de lá? Mas ei-lo que chega já que farei triste de mi?
> Sai um vulto negro de modo dos que custumam encomendar as almas, tocando a campainha.

Como podemos perceber na passagem da peça lusitana há uma figura, o fidalgo Gil, que de dentro da casa conversa com vultos ("de modo dos que costumam encomendar as almas, tocando a campainha") que do lado de fora parecem cantar versos tenebrosos. Ora, estão aí, já no século XVII, todos os elementos que constituem a expressão: a música lúgubre ao som de sinetas (" não ouço mais o talim talim (...) encomendar as almas tocando campainha..."), a indumentária dos cantadores, o cantar do lado de fora da porta de entrada da casa e a intervenção dos vivos pelas almas do purgatório.

Em 1945, Luís Chaves em seu livro "Folclore religioso", fala sobre "amentar" as almas, culto aos mortos feito junto aos cruzeiros:

> Grupos de homens e mulheres seguem a noite pelas ruas do povoado, parando nas encruzilhadas, orando e cantando tristemente pelos que faleceram. São estas algumas das estrofes recolhidas na oportunidade: Eu vos peço irmão meus aqui neste auditório, rezemos um Pai Nosso p´elas almas do purgatório. Acordai ó irmãos meus, desse sono em que estais. Rezemos um Pai Nosso p´elas almas de nossos pais (Chaves *apud* Paula 2005:06).

É impressionante, como veremos adiante, a semelhança entre esses cantos de Portugal e aqueles cantados em Maués. Saint'hilaire quando de sua viagem ao Brasil no século XIX, passando pela Província de Minas Gerais, assistiu e menciona o fato de ouvir passar pelas ruas procissões a que chamavam de "procissões das almas":

> Estando na Vila do Príncipe, durante a quaresma, três vezes por semana eram feitas as as devocões com o objetivo de salvar do purgatório as almas necessitadas. São ordinariamente precedidas por uma matraca, nenhum sacerdote as acompanha e são unicamente constituídas pelos habitantes do lugar possuidores de voz agradável. Vi procissões tais como acabamos de descrever também em Itabira (Saint'Hilaire, 2000: 148).

Também temos no Brasil uma das mais antigas descrições da "Encomendação das Almas" no livro Festas e Tradições Populares do Brasil Mello Morais Filho de 1901. Já aparece em suas descrições como um costume das "regiões do Norte" do país. Relaciona algo que como veremos mais a frente é um dos locais focais da encomenda – o cruzeiro do cemitério:

> Eram as cruzes das almas; o aprisco lúgubre dos penitentes da meia-noite; o ponto de partida das serenatas horríveis, cujos ecos iriam minorar os suplícios do fogo purificador. Invariavelmente pela quaresma celebrava-se o rito popular das encomendações, obrigadas à música, acompanhadas de solos e coros. (...) De repente, ao afinar derradeiros dos instrumentos apercebia-se bem longe, à porta das igrejas ou lugar convencionado para reunião – vultos amortalhados de branco, com a cabeça coberta, esclarecidos com pequenas lanternas de papel, com a luz voltada para o rosto.(...) E a serenata da morte, escoltada de superstições e de duendes, começava os seus noturnos, as suas capelas cantadas, prolongando-se até mais de uma hora, fazendo estações aqui e ali, difundindo o pavor em seu trânsito incerto e cheio de assombro. (...) Sendo da crença popular que ninguém podia abrir as janelas e portas para ver a tétrica passeata, pois que além de cometer gravíssimo pecado, morria de medo, visto como as almas faziam parte da comitiva. (...) Depois os demais músicos acercavam-se da figura principal e em seguida bradava um cantor: - Um Padre Nosso com uma Ave Maria, por alma dos afogados (...). Corria na tradição (...) que o imprudente que tentasse profanar o mistério, só via um rebanho de ovelhas (eram as almas) e um frade sem cabeça que entregava-lhe uma vela de cera, vindo buscá-la na manhã seguinte (Morais Filho, 1901).

Em Câmara Cascudo (1993:s/d), aparece da seguinte forma:

> Até meados do século XIX nas sextas-feiras da Quaresma ou durante novembro (mês das

> almas) saíam procissões noturnas em sufrágio das almas do purgatório. Muitas não eram dirigidas pelos sacerdotes. Entre onze horas e meia-noite, os homens vestindo cogulas brancas, que lhes encobriam inteiramente as feições, levando lanternas, iniciavam o desfile, que era guiado por uma grande cruz. Cantavam rogatórias, ladainhas, rezando rosários, e detinham-se ao pé dos cruzeiros, para maiores orações, em voz alta. Certas procissões conduziam instrumentos de música, e as orações eram cantadas. revestiam-se do maior mistério, e era expressamente proibido alguém ver a encomendação das almas, não fazendo parte do préstito. Todas as residências nas ruas atravessadas deveriam estar hermeticamente fechadas e de luzes apagadas. Qualquer janela que se entreabrisse era alvejada por uma saraivada de pedras furiosas. A encomendação das almas deixava, pelo seu aparato sinistro e sigiloso, a maior impressão no espírito do povo. Afirmava-se que o curioso que conseguisse olhar a procissão, veria apenas um rebanho de ovelhas brancas, conduzido por um frade sem cabeça. Algumas encomendações permitiam a flagelação penitencial, e muitos devotos feriam-se cruelmente, durante a noite, necessitando tratamento de muitos dias. Ainda ouvi as descrições de velhos moradores de Natal, que tinham ouvido, tremendo de medo, as lamentações assombrosas da encomendação, que vieram até depois do ano do cólera, 1856, assustando a todos com o sinistro batido das matracas e gemidos dos flagelantes.

Surgem novamente todos os temas, que como se verá adiante, estão tanto em Portugal quanto espalhados em diversas regiões do Brasil, repetidos quase da mesma forma. Verificamos, por meio da revisão bibliográfica, a existência da expressão nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Pará e Amazonas. Em Portugal, em uma breve revisão na Internet, notou-se a expressão sendo reproduzida em todas as regiões do interior.

A encomenda ou recomendação das almas, como a própria semântica da palavra recomenda nos sugere, serve ao objetivo de se recomendar as almas, por meio da prece e dos cantares lamentosos, os cuidados divinos. São as preces as intercessoras do alívio das penas. Aí subjacente a crença de que só por meio da oração as almas podem alcançar o descanso junto às regiões celestiais. As almas podem ouvir as preces dos encomendadores e delas se alimentam, se acalmam e vislumbram a possibilidade de verem seus pecados redimidos. É como se as almas recém-desencarnadas necessariamente estivessem ainda presas às suas casas, às suas cidades por meio do purgatório; no qual ficam vagando esperando que os vivos lembrem-se delas para poderem ascender aos céus. Segundo relatos, são nos dias da quaresma que essas almas estão mais próximas dos homens. Esse ritual é realizado por grupos de pessoas vestidas de branco dos pés à cabeça, com toalhas ou lençóis brancos na cabeça, com velas e sinos nas mãos, e que se dizem "devotos das santas almas".

A encomendação começa a ser preparada com a compra de um lençol ou toalha branca que será levado na cabeça durante o ritual. Essa serve para que os encomendadores não possam olhar para trás enquanto caminham, a fim de não se depararem com o cortejo de almas que lhes acompanha, sob pena de vê-las em suas formas tenebrosas. Segundo Paes Loureiro, é uma espécie de interdito do olhar para trás, muito comum na história cultural de muitos povos, como no mito de Orfeu ao salvar Eurídice do Hades ou na fuga de Sodoma e Gomorra que conta que quem olhasse para trás viraria sal.

Durante a semana da quaresma – o "tirador de reza", uma espécie de líder do grupo ou voz principal da reza – convida àqueles que irão participar do ritual. Durante a segunda-santa, o tirador passa na casa de um a um dos tradicionais companheiros de devoção para verificar se sairão no ritual. Em seguida, na quarta de trevas, se reúnem na casa do líder do grupo para ensaiarem as músicas que irão cantar durante a encomendação, bem como trazer a relação das casas que os convidaram para rezar.

Nessas casas moram geralmente devotos das santas almas ou pessoas que perderam parentes recentemente. Há duas dimensões da devoção aí. Uma dos devotos que acreditam nas santas almas como provedoras de sorte, fortunas e saúde (e aí se incluem os rezadores também) e a outra daqueles que perderam seus entes queridos e esperam que participando do ritual por meio da oração e da lembrança possam encaminhar esses mortos do purgatório ao céu – numa espécie de purificação dos pecados dos mortos.

Ora, parece aí subjazer a crença de que se Cristo morreu na cruz para expiar os pecados de todos, é justamente nos dias que antecedem a lembrança deste fato que mais facilmente os mortos serão perdoados – numa espécie de reatualização da Paixão de Jesus. Veremos isso quando percebermos o quanto os versos da encomendação cantam louvores revivendo os últimos dias de Cristo.

Por volta das 20hs, ainda na quarta de

trevas, os encomendadores saem de suas casas, já paramentados de branco em direção ao cemitério. Quando entram, fazem o sinal da cruz e cobrem as cabeças com as toalhas ou pano branco. Dirigem-se, tocando a sineta, até o cruzeiro – uma espécie de grande cruz que marca o centro de quase todo o cemitério – e sobre ele acendem uma vela branca,quando iniciam a primeira reza, ou chamada dos mortos:

> Levanta-te morto
> desta cova de assente,
> desenganai essa gente se este homem te matou.
> Este homem não me matou,
> nem dele teve sinal.
> O homem que me matou em
> vossa companhia está.
>
> Senhores da justiça, dei-me atenção,
> que este homem vai morrer pelo falso testemunho.
> Mulheres que tendo os filhos, ajudai-me a chorar – que a morte de Jesus Cristo, meu filho, é natural.
> Senhor, Reverendo Padre dizei-me onde moras, que eu prefiro revisitar os miúdos, não pretendo para o mal.
>
> Ponha-me na benção meu Pai, quero pregar meu sermão, que está perto do altar.
> Seu corpo vertendo sangue e
> seu sangue em glória.

Logo depois, rezam um Pai Nosso e se benzem, tocam a sineta e convidam as almas a levantarem-se: "Vamos embora santas almas cuidar de nossa devoção e nossa obrigação. Livrai-nos, defendei nosso caminho e afasta todo o mal da nossa frente. Proteja nós, dê saúde e felicidade. Daí-nos uma boa noite e boa viagem para nós." Percebe-se também uma espécie de pedido às almas para que prestem atenção no que dizem, intercedendo a configuração das hierarquias celestes e a Jesus. Então apagam a vela, saem do cemitério, tiram as toalhas da cabeça e saem pelas ruas visitando as casas que lhes pediram "para tirar oração".

Há casas que marcam para visitas, outras – geralmente a dos devotos – visitam tradicionalmente todos os anos, não havendo necessidade de combinarem a passagem da encomendação. Em grande maioria, os devotos a que visitam são seus próprios amigos e parentes. Não se utilizam instrumentos na encomendação das almas, sendo suas musicas todas cantadas à capela, ou seja, só acompanhadas das próprias vozes dos encomendadores.

Há toda uma organização da encomendação que relaciona a voz à atividade do encomendador. Dividem-se da seguinte maneira: 1ª voz, 2ª voz e o baixo. Este último geralmente é o tirador. Os informantes dão conta de terem saído com pelo menos 12 pessoas no passado, divididas entre as vozes, mas com apenas um "tirador" principal. Podemos ver esse número de pessoas também na encomendação das almas em Portugal, que chegam a números de 50 pessoas e em outras regiões do Brasil, também com grupos mais numerosos.

O problema apontado pelos encomendadores de almas em Maués é a falta de pessoas interessadas em assumir a obrigação da "recomendação", principalmente em função das "exigências" mantidas pelas almas aos encomendadores e o contato estreito dessas com eles. Há variados relatos de "surras", "sussurros" e "aparições" das almas aos devotos que não cumpriram com suas obrigações.

Aqui cabe um ponto de reflexão sobre a possibilidade de, senão explicar (como foi dito anteriormente não ser a intenção deste artigo), utilização da noção de performance como um ponto de reflexão da encomenda e um locus para o mapeamento de suas ações e relações que pode ser bastante frutífero. Estão envolvidas aqui ações de caráter poético que envolvem tanto a presença física do encomendador, como uma narrativa que se vale tanto de sua voz, como da produção de uma corporalidade específica – que envolve, conforme demonstro acima – o uso de indumentárias rituais, que servem para distinguir o encomendador tanto para os vivos quanto para os mortos. Essa prática discursiva está estritamente relacionada a um evento específico, que envolve não só os encomendadores, mas também os devotos (receptores) e um terceiro elemento – os mortos.

Os encomendadores, assim, aparecem no evento não somente como os performers, mas principalmente como mediadores entre os dois mundos. São eles, que entre vivos e mortos, conseguem estabelecer a mediação entre aqueles que já não tem voz. Assim, os encomendadores não só são os únicos que podem, sem traumas ou sob perigo de ameaças físicas, manter relação com os mortos – sendo ouvidos por eles, mas inserir na performance o terceiro elemento – uma terceira força, invisível, muda, medonha, mas que é sem dúvida a motriz operacional do evento. São eles, os mortos, que indicam as ações, que controlam as fortunas, que aceitam ou não seguir com as procissões, em suma, são os mortos que agem pelos vivos sem, no entanto, fazerem o uso da possessão, como é comum entre muitas das

expressões religiosas brasileiras.

A boa interpretação do encomendador é exigida não somente a fim de ser reconhecida pelos pares ou pelos devotos. É, sobretudo, ação para o sobrenatural, é performance aos mortos. São eles que exigem o bom desempenho dos encomendadores, como pagamento às boas fortunas que lhes legam o ano inteiro.

Para Bauman (1977), a experiência aparece como ponto central da análise da performance. A narrativa seria uma das principais formas de manifestação, de compartilhamento dessa experiência. A narrativa exige o intercâmbio de palavras e gestos em estruturas inteligíveis de significado que deverão obedecer ao compartilhamento de códigos que a tornam compreensível. O evento, aqui como catalisador dos significados, é momento único do compartilhamento dessas experiências altamente codificadas e codificadoras, que confluem a si tempo e espaço negociados, unindo o performer e a audiência em um espaço de interação dinâmico, que dá margem a re-elaborações conceituais do universo vivido.

Esses atos performáticos, devem envolver tanto ações reconhecíveis coletivamente, mesmo que encontrem, em termos de experiência, sentidos individuais e únicos, como também devem envolver a percepção do momento especial – não ordinário, o momento ritual.

> Performance as a mode of spoken verbal communication consists in the assumption of responsibility to an audience for a display of communicative competence. This competence rests on the knowledge and ability to speak in socially appropriate ways. Performance involves on the part of the performer an assumption of accountability to an audience for the way which communication is carried out, above and beyond referential content. (…) Performances is a mode of language use, a way of speaking (…) performance becomes constitutive of the domain of verbal art as spoken communication (Bauman, 1977:11).

Unem-se, dessa forma, o texto e a ação – os significados compartilhados e a reatualização dos destes por meio de experiências combinadas e estruturantes de novas ações. Passa-se assim do conhecimento à realidade. Digo, se os devotos acreditam nas almas, na proximidade destas e das suas intermitências sobre o mundo dos vivos, são os encomendadores que fazem dessa proximidade algo "mais real e quase palpável". Eles, por meio da atualização do ritual, demonstram à comunidade dos devotos (e mesmo daqueles que não o são) que os mortos podem estar próximos e realmente nos ouvem. Afinal, são justamente os encomendadores que os trazem para perto. Por isso é tão comum ouvir os devotos que abrem suas portas após as orações e ladainhas dizerem que ouviram junto às vozes dos encomendadores as vozes em canto de seus parentes mortos.

Houve anos, por exemplo, em que teve Bebé Bahiano, o principal tirador e articulador da encomendação em Maués, de cumprir essa obrigação sozinho; em função de não ter arranjado parceiros para o rito anual. Nesse caso, o tirador acende uma vela em casa e reza, sozinho, pelas almas. Para ele, a recomendação de almas é, sobretudo, uma penitência por ter alcançado, por intermédio das santas almas, proteção e fortuna. Além disso, aparece como uma promessa que teria feito a seu pai, que lhe ensinou o ritual, não depois de muita insistência.

A obrigação está intimamente relacionada com a reprodução da manifestação. O sentido de obrigação para a devoção com os mortos está sempre presente na fala dos informantes. Depois que se assume a obrigação com a encomenda deve-se realizá-la todos os anos de sua vida, sem exceção, sob pena de sofrer com as "visagens", assim denominadas as aparições, às vezes violentas, dos mortos – e os castigos dados por essas.

As almas podem trazer saúde e sorte para seus devotos, entretanto, a relação entre eles deve ser constante, com rezas diárias e com a procissão da encomenda nos dias que antecedem o sábado de aleluia na semana santa. É justamente nesses dias, talvez em função do próprio martírio de Cristo, que as almas estão mais próximas dos vivos, sendo possível o contato com elas e fazê-las acompanhar-lhes em procissão.

Acreditam, os encomendadores, que se não houvesse a encomendação das almas as almas ficariam penando pela terra até cumprirem seu tempo, ou seja, até o dia que morreriam se caso sua morte tivesse sido por velhice. Assim, as almas que penam são aquelas que morrem violentamente ou por doença grave. São aquelas que permanecem ao lado dos vivos, sabendo tudo o que fazem e não raras vezes trazendo-lhes problemas. Aqueles que morrem velhos não penam, posto que já cumpriram seu tempo na terra. O "recomendador" é então uma espécie de advogado das almas presas na terra, posto que intercede pelas almas atormentadas junto a Deus.

Conta Bebé que aprendeu a rezar com 13 anos de idade, quando depois de por anos ter visto seu pai sair para rezar, insistiu em aprender. Isso demonstra que mesmo pré-adolescentes podem participar do ritual como encomendadores,

entretanto devem levá-lo com muita seriedade. Ao mesmo tempo, percebemos ser o grupo pesquisado essencialmente masculino, porém, não há nenhuma exceção de gênero relacionada a ele. Diz Mestre Iracito, segunda voz dos encomendadores, que se não tinham mulheres no grupo em 2010 é porque estas não se interessaram em participar.

Assim que retiram as almas do cemitério na quarta feira de trevas, os encomendadores as levam para caminharem pela cidade em procissão, parando algumas vezes para cantar. Em alguns momentos, enquanto caminham pelas ruas, os encomendadores tocam a sineta para chamar aqueles que foram mortos exatamente nesse lugar onde estão passando. Entende-se que as almas, de alguma forma, estão presas ao lugar em que morrerem, ou que a ele permanecem ligadas por muito tempo. Assim, quando se toca a sineta na rua, é como se estivessem chamando a alma para seguir em procissão com os encomendadores. Depois que saem do cemitério, carregando as almas atrás de si em procissão, levam-nas de casa em casa para que os devotos rezem por elas. Os devotos que estão em casa não devem abrir as portas enquanto os encomendadores rezam, sob pena de terem visões pavorosas dos mortos.

Há muitos contos e histórias relacionados a esta interdição – a desobediência dos devotos à porta da casa durante a reza. Um dos mais famosos é o da menina que desobedecendo aos pais, olhando os encomendadores da janela de sua casa, ganha de uma senhora vestida de preto um toco de vela. Pede a senhora que a vela fosse enrolada em uma toalha até que voltasse para buscá-la, ao que a menina obedeceu. Logo depois de ter guardado a vela, a menina é interpelada por seu pai que lhe pergunta o que estava fazendo na janela durante a oração. A menina conta o favor que havia feito à senhora. Seu pai pede para ver a vela, que depois de desenrolada revela ser uma "canela" de morto, ou seja, a tíbia de um defunto. A história segue com a morte por febre altíssima da menina ao final. Percebemos ao longo da pesquisa que em muitas casas essa proibição já não surte efeito. Não poucas vezes os devotos receberam os encomendadores na janela ou mesmo na porta da casa, rezando diante eles. Há também uma série de restrições e proibições que devem ser respeitadas na quaresma em função da proximidade dos mortos: brigas, brincadeiras, faxinas, sexo... Todas atividades que devem ser restringidas no período sob pena do castigo dos mortos.

Segundo Mestre Bebé Bahiano, hoje em dia as almas parecem estar menos exigentes, castigando menos os devotos em relação às restrições. Diz ele que em sua juventude, qualquer desafio a essas proibições levava a castigos severos dos mortos como aparições, cantorias no ouvido dos vivos durante o sono e até surras. Assim, a reatualização dos costumes aparece sempre como uma atitude dos mortos, e não necessariamente dos vivos. Se os vivos agora podem receber os encomendadores de portas abertas é porque os espíritos estão, hoje em dia, menos exigentes, mais calmos. São os mortos que dão "as regras".

Ao chegarem à porta da casa a que foram convidados, os encomendadores voltam a cobrir as cabeças. Aquele que faz a 2ª voz se ajoelha e acende a vela enquanto o "tirador" toca a sineta – é o sinal que a ladainha vai começar. Essa começa com o chamado "Beneditão":

"Acordai irmão acorda,
pra rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria
pelas almas que andam em nossa companhia,
a, a, a, a, a, ave nossas culpas!"

aqui entram os pedidos pelos mortos de morte não natural, o que faz varia o modelo do verso:

"Acordai irmão acorda,
pra rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria
pelas almas que andam em
nossa companhia (2x).

Passam então a rezar as orações católicas do Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória ao Pai, ao que voltam a cantar:

"Eu rezo um Pai Nosso e uma Ave Maria
pelas almas que que morreram
degoladas" (2x), p.ex.

Voltam ao sequência de Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai repetindo o "Beneditão" por três vezes, passando por vários tipos de morte não natural.

Por fim:

"Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria,
pelas almas que querem se salvar,
aaaaaaaa, querem se salvar."

Depois passam ao "Beneditinho":

"Bendito louvado seja!
Da sagrada paixão
Do amado Jesus
Da sagrada Paixão
Do amado Jesus.

O menino Jesus por nós há de valer
Deu a vida por nós lá no braço da cruz

Deu a vida por nós lá no braço da cruz
Seus braços abertos, seus pés encravados
Derramando seu sangue por nossos pecados
Em pecado mortal as almas valei
Perdão de nosso Pai, nossa mãe a Virgem Maria
Perdão de nossa Mãe, de nosso Pai.
Misericórdia, amém.

Essa sequência é respeitada em todas as casas que visitam. Não é incomum se escutar os devotos rezando também dentro das casas. Depois disso se termina a ladainha e enfim toca-se novamente a sineta, apaga-se a vela e tira-se a toalha da cabeça como sinal do encerramento do ritual. O canto aqui está intimamente relacionado à performance, fazendo parte constante de sua experiência. O ritmo cadenciado, lento, monótono mesmo e às vezes pavoroso, cantado em tons menores, parece potencializar os efeitos do respeito e da tensão subjacente à proximidade com os mortos. Essa estética, que aparece como um efeito pré-estruturado entre o esquema rítmico-melódico e o texto, acaba por determinar uma forma de recepção respeitosa, que sugere um tipo bastante específico de relação, não somente entre os encomendadores e devotos, mas entre as almas e esses.

Sabe-se que diferentes utilizações expressivas da voz (Hatmann, 2005) sugerem gramáticas estabelecidas em contextos que por sua vez são constituídos por diversos fatores como tempo e espaço, nível de entoação da voz, momento e significado do ritual, atores participantes, performance e excelência nessa, entre outros. A organização desses elementos, constituintes do contexto, o manipulam, ajudando-o a gerar estruturas significativas compartilhadas que informam, de um modo ou outro, os participantes do ritual e os sentimentos a serem associados a ele– no caso da encomendação – o respeito, a solenidade e o medo.

> Theme emerge as the result of relationships perceived between the constituent parts of a work or utterance; the theme of a repeated utterance or work remains relatively constant. Meaning, in contrast, emerge as the result of relationships perceveid between the utterance or work and the context in which it is spoken or otherwise performed and received; the meaning of repeated utterance or work changes with is context of performance and/or reception. (Seitel, 1999:04)

Poderia aqui sugerir o suporte de Seitel e situá-lo em uma espécie de gênero estilístico específico voltado à reprodução de determinados estados de percepção e sentimento, baseados em sentidos construídos e percebidos em contextos específicos de relacionamento entre humanos e não humanos que, no caso de Maués, envolvem uma relação especial baseada na devoção e respeito aos mortos bem como na realização (enquanto efeito de realidade) da possibilidade do contato pacífico intermediado entre vivos e mortos.

Se no gambá (uma das expressões musicais bastante cantadas pelos encomendadores de Maués) o improviso do verso marca a autoria e a criatividade, o verso contínuo e pouco dinâmico da encomenda marca a tradição, a repetição, a obediência aos preceitos que ligam o encomendador a seus antepassados, sua trajetória a de seus mestres, o devoto às santas almas.

Em seguida à ladainha, o dono da casa abre a porta convidando os encomendadores a entrar. A solenidade, o silêncio e a calma estão presentes durante a visita. Como obrigação, os devotos devem servir café e algo para comer aos encomendadores, que servem também como dádiva às almas que lhes acompanham. Segundo os encomendadores, as almas sempre chegam primeiro nas casas, fazendo as honras do início das orações. Segundo o costume e o número de convites, chegam a visitar 30 casas por noite, concluindo as visitas por volta das 3 horas da manhã. É bastante comum também receberem convite enquanto estão andando pela cidade realizando o ritual.

No 2º dia, ou Quinta-Feira Santa, passam o dia rezando, cada encomendador em sua casa, até as 18 horas, quando voltam a encontrarem-se. A crença é de que as almas permanecem com eles enquanto voltam para casa e só deixarão de acompanhar-lhes quando as deixarem de volta no cemitério. Talvez esses dias – madrugada de quinta e sexta, sejam os de maior cuidado e restrições, posto que as almas não deixam de estar ao lado dos encomendadores. Nesses dias não se deve beber, manter certo jejum com comidas leves, falar pouco e rezar muito. À noite seguem-se as visitas às casas, sem começarem no cemitério, por óbvio.

No 3º e último dia, a Sexta-Feira da Paixão, depois de visitarem as últimas casas, por volta das 4 horas voltam para o cemitério onde rezam e acendem uma vela, rezam o Pai Nosso e uma longa ladainha em latim a várias vozes – uma principal e outras que repetem os versos cantados pela primeira, e enfim cantam em um ritmo tedioso e bastante melódico a Santa Sexta e Abra-se Saclório:

Sexta Santa (ofertório):

"Sexta santa, 3 dias antes da Páscoa,
Quando o redentor do mundo por seus
discípulos chamava,
Chamava por um , dois a dois se levantava,
depois deles todos juntos,
Cheia a glória Ele deu.

Jesus Cristo perguntou com qual ele morria,
nem um deles respondeu-
Senhor São João Batista quando vinha
amanhecendo Jesus Cristo caminhava,
Com uma grande cruz nas costas,
de madeira mais pesada.

Teve uma corda ao pescoço por onde o judeu
puxava.
Cada puxo que ele dava Jesus Cristo ajoelhava
(2x) posta de sangue lançava.
Depois dele todos juntos cheia glória Ele deu.

Chorava as três Marias, Madalena, sua irmã.
Uma levava a bacia, outra levava a toalha,
Outra era a Virgem Maria que a maior paixão
tomava.
Uma lhe lavava os pés,
outra lhe lavava as mãos,
outra rescaldava o sangue que Jesus Cristo
lançava.
Quem souber esta oração
Rezai toda sexta feira do ano
Quem souber e não ensinar
Quem ouvir e não parender
Que na hora de sua morte
Acharás quem lhe condene
Acharás a porta do céu aberta.
Para salvação de sua alma. Amém.
Da culpa nasceu a rama, da rama nasceu a flor,
onde os passarinhos cantam
a aleluia do Senhor".

e o Abra-se Saclório:

"Abra-se saclório
Para sair Jesus,
Visitar as almas que saíram para glória

Na porta do céu
Só vejo a cruz
Cama e travesseiro
Do nosso bom Jesus

Na porta do céu
Só vejo Jesus
Com os braços abertos
Cravados na cruz

Andando em canto e canto (3x)
Jesus de minha alma sem culpa nenhuma
Já vou me deitar para não mais pecar (3x).

Ao que passam a despedirem-se das almas:

> Bom santas almas, vocês fiquem na casa de vocês. E agora reservem nós de todos os perigos. Agora termina nossa obrigação, nos dêem vida e saúde para nós, que para o ano que vem nós estamos rezando novamente por vocês. Amém.

Fazem o sinal da cruz e tiram as toalhas da cabeça. Estar com a toalha na cabeça é estar associado com as almas, é o sinal de que se está em obrigação para com elas. Por isso ao sair do cemitério é necessário que se as tire da cabeça para não "levar as almas junto consigo para casa". Muitas pessoas nos procuraram na saída do cemitério para saber se realmente as almas haviam sido deixadas dentro dele.

Quando estávamos em campo, ouvimos relatos de pessoas que brincaram colocando a toalha branca na cabeça imitando os encomendadores e passaram as noites perturbadas pelas "visagens". Uma delas nos conta que passou a noite sendo perturbado pela presença de seu falecido cunhado, enquanto um negrinho fazias algazarras com sua bicicleta no pátio dos fundos de sua casa. A encomendação das almas também é realizada fora da área urbana, sendo realizada de uma comunidade ribeirinha a outra. Daí se substitui a caminhada de casa em casa pela viagem por rio de canoa, aonde se chega à porta de cada casa de comunidades diferentes que convidaram ao ritual.

Ao longo do ano, toda segunda-feira, às 18h30**,** acendem uma vela e rezam um Paio Nosso em função de sua devoção às santas almas. Assim, podemos definir como o momento máximo dessa devoção os dias compreendidos entre as quartas e sextas feiras santas, entretanto, essa devoção tenderá a seguir, por todas as semanas do ano, pelo resto da vida dos encomendadores de alma.

Bibliografia

Bauman, R. 1977. **Verbal art as performance**. Rowly: Newbury,. p. 3-58.

Dias, J. 1948. **Acerca do atlas etnográfico de Portugal. - Sep. de Trabalhos de Antropologia e Etnologia,** vol. 11, fasc. 3-4.

Dias, J. e Dias, M. 1957 - **Contribuição ao estudo do "culto dos mortos"** .Coimbra : Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.

Dias, M. e Dias, J. 1953 . **A encomenda das almas.** Porto: Imprensa Portuguesa.

Deleuze, G. & Guattari, F. 1980. **Mille Plateaux.** Paris: Minuit.

Evans-Pritchard, E. E. 2005. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar.

Favret-Saada, Jeanne. 1990. **Être Affecté**. Gradhiva. Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie.

Fernandes, Florestan. 2001. **O Folclore em Questão.** São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Goldman, Marcio. 2003. **Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos. Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia**. Revista de Antropologia 46 (2): 445-476.

Gonçalves, P. **A encomenda das almas em Loriga.** Disponível em: http://terrasdeportugal.wdfiles.com/local--files/ementa-das-almas-em-loriga/ementa_das_almas.pdf (acessado em 18 de março de 2010)

Melo, F. s/d .**O fidalgo aprendiz**. Lisboa: ed. José Camões.

Morais Filho, Melo. s/d. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. São Paulo: Ed. Ediouro.

Oliveira, Maria Gabriela. 2010. **Almas do Purgatório: meditação, devoção, convertio cordis. A propósito de alguns sermões de P.e Inácio Martins S.J**. In: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3787.pdf. (Acessado em 15 de março de 2010)

Passarelli, Ulisses. 2007. **Encomendação das almas: um rito em louvor aos mortos**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, v.12.

Paula, Zuleika de. 2005. **Recomenda das almas em Santana do Jacaré** In: http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/Internet-Corres3/CM85-03-p.htm (2005)

Pereira, José Carlos. 2005. **O Encantamento da Sexta-Feira Santa: Manifestações do catolicismo no Folclore Brasileiro**. São Paulo: AnnnaBlume, 8: 3-9.

Prado, José Nascimento de Almeida. 1947. **Trabalhos Fúnebres na Roça.** Revista do Arquivo Municipal. S.Paulo, n.115.

Saint-Hilaire, Auguste de F. 2000. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais Belo Horizonte**: Editora Itatiaia Ltda.

Saint-Hilaire, Auguste de F. 1953. **Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo**. São Paulo: Biblioteca Histórica Paulista.

Seitel, P. 1999. **The powers of genre:interpreting Haya oral literature.** New York: Oxford University Press.

Tavares de Lima, Rossini. 2001. **Ciência do Folclore.** São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Tavares de Lima, Rossini. 2001. **Abecê de Folclore.** São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Xidieh, Oswaldo Elias. 1972. **Semana Santa Cabocla.** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP.